



EDITORIAL

POR UMA EDUCAÇÃO LIBERTÁRIA E DECOLONIAL

5

Nós, que construímos a Revista Estudos Libertários (REL), estamos muito felizes em divulgar o primeiro volume deste dossiê, cuja temática central são trabalhos com reflexões dentro do campo da educação libertária e decolonial. Os artigos a seguir possuem diálogos diretos sobre experiências que se referenciam em uma prática anticapitalista, antirracista, antissexista, anticapacitista e que buscam contestar a ordem das instituições estatais e do mercado. Passamos por artigos que mobilizam a história da educação libertária, outros que trazem atualizações de práticas pedagógicas libertárias em diversos espaços formativos, como escolas, bibliotecas e universidades.

Iniciamos esse dossiê com o artigo “Ecocrítica e Zooliteratura: Perspectivas Inter e Transdisciplinares para o Ensino das Ciências”. A autora Elisângela Campos Damasceno Sarmiento e o autor Geraldo Jorge Barbosa de Moura trazem um debate original dialogando a educação no campo da literatura e o ensino de ciências, com uma crítica decolonial em suas entrelinhas. A originalidade deste trabalho pode ser identificada, especialmente, em sua abrangência de conhecimentos que parecem díspares, mas que podem se complementar na prática pedagógica.

No trabalho que segue, de autoria de Rodrigo Rosa da Silva, são discutidos o conceito e a prática da autogestão como fundamentais para refletir sobre práticas de transformação radical nos espaços educacionais formais e informais. O artigo "Educação Anarquista e Autogestão Pedagógica: Reflexões sobre o Possível e o Necessário" destaca que o termo *autogestão* é apropriado por gestores empresariais, deformando sua originalidade e deturpando seus objetivos. Ou seja, é necessário refletir e propor uma prática autogestionária anticapitalista e que nos remeta a uma transformação social por inteiro, sem esquecer do cotidiano em que atuamos.

A seguir, o texto de Eduardo Carracelas Lamela, intitulado "Educação Libertária e Sociabilidade Operária no Sindicato: e Experiência da Universidade Popular de Ensino Livre no Rio de Janeiro (1904)", traça um panorama sobre a conjuntura vivida no Rio de Janeiro – que era capital do Brasil à época – e a experiência da universidade popular no ano de 1904. Essa que talvez tenha sido uma das primeiras experiências que buscavam partir dos saberes científicos para construir uma universidade no país. Lamela discorre também acerca do ambiente que existia com fortes mobilizações via sindicatos, espaços de educação libertária, atividades de formação entre a classe trabalhadora e uma gama de intervenções que questionavam o *status quo* dos poderosos na primeira metade do século XX na área central da cidade.

Já o artigo de Guilherme Xavier de Santana, "O Federalismo Secundarista como Tática Política nas Escolas Ocupadas do Subúrbio do Rio de Janeiro", nos oferece uma análise sobre o fenômeno das ocupações de escolas que aconteceram em todo o país em 2016. O autor traz à luz a experiência das ocupações de uma parte da capital do Rio de Janeiro – bairro do Grande Meier – e como se deu as relações entre estudantes que ocuparam as escolas da região. Para isso, a reflexão proposta é uma alusão e aproximação com o conceito e prática política do federalismo libertário, que sempre foi um dos princípios centrais de diversos teóricos e movimentos anarquistas desde o século XIX. Santana traz uma atualização a partir da atuação dos estudantes que buscaram se organizar de forma descentralizada, em rede de apoio mútuo e ação direta nessas escolas vizinhas em 2016.

O seguinte trabalho apresentado é de autoria de Mariana dos Reis Santos e Tiago Dionísio, e possui como tema central o fenômeno das ocupações de escolas no Rio de Janeiro. Intitulado “Comecei a me Empoderar e me Sentir Negra por Conta da Ocupação”: a Presença do Feminismo Negro no Ocupa Cairu”, o artigo traz uma abordagem extremamente importante e original a respeito da mobilização estudantil, com foco em questões étnico-raciais e de gênero que permearam as discussões e a dinâmica de luta dos estudantes em 2016 no Rio de Janeiro e em outros territórios, a partir de uma pesquisa com estudantes da ocupação do Colégio Estadual Visconde de Cairu – uma das escolas ocupadas no bairro do Meier.

Logo após, apresentamos o artigo “A Extensão Universitária como Prática de uma Educação contra o Ecocídio e o Epistemicídio Indígena”, de Damires dos Santos França e Marcelo Stortti. Os autores tecem uma problematização que traz ao centro do debate a questão da educação indígena, seu apagamento histórico e o quão ela pode servir para reflexões em projetos educacionais dos mais diversos, especialmente a extensão universitária, que é melhor desenvolvida ao longo do texto. Os autores também discutem sobre a formação histórica da estrutura universitária no país, baseada no modelo europeu e para isso trazem intelectuais do campo decolonial para problematizar tal formação. França e Stortti apresentam uma pesquisa com datas de eventos vinculados à causa indígena, mobilizações referentes à pauta que existiram na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e projetos de cunho intercultural sobre o assunto. Fundamental o debate ambiental apresentado no artigo, que se soma aos demais temas para enfrentar o formato de uma universidade historicamente eurocentrada.

Por último, a autora Luísa Marques Dias, em seu artigo “Trajetória Autonomista da Biblioteca Engenho do Mato – BEM (Niterói/RJ)”, descreve uma breve história da Biblioteca do Engenho do Mato (BEM), no município de Niterói (RJ). Dias aponta em seu trabalho não só a trajetória, mas as diferentes atividades, atuações políticas e culturais que existem no espaço desde 2013. Além disso, enfatiza o caráter autonomista e que se aproxima dos princípios libertários em termos de organização social e política.

Após essa breve apresentação, seguimos para o dossiê
“Por uma Educação Libertária e Decolonial” com os escritos na
íntegra. Desejamos a todes uma boa leitura.

Saudações libertárias e decoloniais!

Ana Paula Morel

Cello Latini Pfeil

Guilherme Xavier de Santana